

BRASIL & ANGOLA: MULTIFACETADAS HISTÓRIAS/ ESTÓRIAS DE MULHERES

Edna Maria dos Santos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Cada vez mais, os discursos histórico e literário, por intermédio dos estudos culturais, expressam possibilidades de intertextualidade. A história de Angola e a história do Brasil, desde o século XVI, se entrelaçam em encontros e desencontros, em hibridações e especificidades. O presente trabalho tem por objetivo entender um pouco as angolanidades e brasilidades através dos livros ***Dizes-me coisas amargas como os frutos***, de Paula Tavares, e ***O Trato dos viventes***, de Luiz Felipe Alencastro. Literatura e História nos ajudarão a compreender a relação da tradição e da modernidade e o papel da mulher na sociedade brasileira e angolana da atualidade.

A América Latina após a dolorosa reestruturação dos anos oitenta, passou a incorporar-se à nova economia global, de tal modo, que os setores mais dinâmicos de todos os países estão mergulhados na concorrência internacional, para vender bens e atrair capital. O preço desta busca de incorporação tem sido bastante elevado: uma proporção considerável de sua população acabou sendo excluída como produtores e consumidores.

Dentro deste contexto, que é o de uma sociedade voltada para os valores de mercado com enorme poder competitivo, cujos signos valorativos se pautam em desempenho, produtividade e em símbolos masculinos patriarcais de eficiência, força e inteligência, muitos preconceitos de toda ordem ainda assolam a sociedade latino-americana, especialmente a brasileira, em relação ao papel social e político da mulher. Ainda persistem no imaginário brasileiro, e a mídia aproveita muito essas idéias para desqualificar o papel da mulher, uma imagem de mulher ou mãe, submissa à casa, à família ou, então, uma imagem de mulher – ninfeta, devoradora de homens e encantadora das ruas, lolita - liberada, mas que no fundo gosta mesmo de um “tapinha” e de “ser dominada”.

“Lugar de mulher é em casa, cuidando do marido e dos filhos” ou ainda “mulher gosta mesmo é de apanhar”, são idéias que ainda fazem parte dos olhares da compreensão sobre a sexualidade feminina. Coexistindo, no entanto, com essas idéias, aumenta cada vez mais não só em áreas urbanas, mas em áreas rurais, a atuação de “outras mulheres” em movimentos sociais, lutando contra preconceitos e discriminações. Segundo Itelvina Masioli, 37 anos, líder camponesa do movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, “a mulher é mais discriminada no campo do que na cidade, mas uma mentalidade menos machista já está surgindo na área rural”. Historicamente há uma cultura no Brasil de que a mulher é um apêndice do homem, muitas vezes ela nem tem nenhum documento que prove sua cidadania. Segundo, ainda, a líder camponesa de Mato Grosso, “os acampamentos e os assentamentos ajudam a organização das mulheres ao lado dos homens”, questionando as desigualdades sociais no país. Itelvina faz parte da Articulação Nacional das Mulheres Trabalhadoras Rurais, grupo formado por cerca de 20 movimentos organizados e grupos autônomos de mulheres do campo, perfazendo um total de aproximadamente quarenta mil mulheres. A gaúcha Adriana Menezes, da coordenação nacional do movimento, diz que as “prioridades são a luta por um programa de saúde pública que atenda à mulher, por acesso à aposentadoria e pelo reconhecimento da profissão de trabalhadora rural”. Ser a titular na posse da terra ou dividir a posse igualmente com o marido, está na lista das reivindicações das mulheres. Hoje apenas 12% dos lotes de assentamentos do INCRA estão em mãos femininas, num Brasil formado por 50,8% de mulheres. A participação das mulheres nas lutas pela reforma agrária têm crescido cada vez mais. Assim como a luta contra a violência, seja ela física ou moral.

Dentro deste contexto a mulher é mais prejudicada, sofrendo as mais diferentes formas de violência, principalmente a simbólica, legitimada por instituições de poder as mais diferentes e por valores

culturais de “menoridade”, alicerçados nos padrões da sociedade patriarcal.

Angola, dilacerada por muitos anos de luta contra o colonialismo e, também, após a

Independência, por problemas internos inerentes às disputas entre o MPLA e a UNITA, nos apresenta uma história de mulheres onde o poder tradicional masculino e, por conseguinte, o patriarcalismo são signos importantes para a compreensão de uma estrutura de dominação.

No entanto, como nos diz Luiz Felipe Alencastro, “em culturas tradicionalmente orais como as africanas, um meio privilegiado de patentear a presença do passado consiste em dar relevo à perenidade das palavras”.

A palavra poética de Paula Tavares, escritora angolana, em seus livros, é este exercício de revolver o passado angolano, numa relação viva com o presente, é uma forma de impor, de alguma maneira, a palavra da mulher.

Há na poesia de Paula Tavares um olhar sobre o Tempo. Um tempo de memória e de histórias, mas, principalmente, um tempo de um amor vivido. Como a voz de um berrante profundo é preciso avisar, sem pró-verbos, as cicatrizes de um amor “posto em sossego”.

A poesia, inicialmente, se tece na dualidade da vida e da morte, do metal e do veludo, da luz e da sombra, enfim se constrói pela impossibilidade de qualquer construção. O arauto de uma voz perdida está em silêncio, mas se torna presente pelo amargo ardor, pela dor da palavra acre-doce. A linguagem se torna um exercício de busca de reencontros. É esse sabor que percorre os poemas de ***Dizes-me coisas amargas como os frutos***. Há um tempo primordial/mítico antes das colheitas, das guerras, quando ainda era possível sonhar. Há outro tempo dos óleos sagrados, das entregas dos corpos, das águas do rio e dos lagos, tempo da espessura e do balanço da rede. O tempo da travessia sem volta não desenha feitiços na argila, nem modela imagens, nem calça sandálias com passos fortes pelos caminhos. A poesia perde sua própria chave e procura se libertar, pela repetição de sua escrita, como uma velha história que se rememora à beira da fogueira e das tradições. Há, finalmente, um tempo de descobertas onde a poesia se vê refletida na velha superfície de um lago, à procura de um rosto de mulher, de um pássaro, de ser gente. Afinal, “gente é para brilhar”, mesmo que no meio desse brilho o som de um silêncio amargo, às vezes, inspire medos e caretas e bocas que se deliciem com lembranças de amargos, amaros frutos.

O tempo poético de Paula Tavares é por isso, paradoxalmente, um hino à vida e ao Amor.

Na década de 90, seja no Brasil ou em Angola, aparecem escritos de mulheres falando sobre seus problemas, lutas e desejos. Imprensa feminina, atas de congressos, instituições dirigidas por mulheres, mas mesmo nas grandes cidades, as mulheres ainda são minoria com poder. A história do associativismo feminino e de seu poder é ainda uma utopia a ser concretizada.

BIBLIOGRAFIA

ALENCASTRO, Luiz Felipe. *Trato dos viventes*. SP: Companhia das Letras, 2000.

FELICE, Massimo Di . *A Revolução invencível*. SP: Boitempo editorial;1998.

MULHER SEM TERRA. SP: Coletivo Nacional de Gênero do MST, 2000.

SANTOS, Edna Maria dos. *Sexualidade e Saber: monstros, mistérios e encantamentos*.

Tese de Doutorado, defendida na UFRJ. Rio, 1996. Mimeo.

SANTOS , Milton .*Técnica, espaço e tempo*. SP: Hucitec, 1997.

TAVARES, Paula. *Dizes-me coisas amargas como os frutos*. Lisboa: Ed. Caminho, 2001